

O Florete e o Imperador

Julio Cesar Fidelis Soares¹

Resumo

Este artigo tem como objeto de estudo o episódio da visita do Imperador D. Pedro II que em 16 de outubro de 1874, que em visita a Cidade de Resende concede uma série de distinções a membros da comunidade local bem como a Loja Maçônica local. Nosso estudo vai do interesse em reforçar pesquisas anteriores, que mostram os laços de poder e a interação da cidade de Resende, através de sua elite com o poder imperial. Ao ponto do monarca vir prestigiar a sociedade resendense e agracia-la através de sua Loja Maçônica, com uma honraria do cerimonial da Corte, como forma de reforço das relações de poder vigente à época.

As insígnias englobam objetos usados como sinais distintos, individuais ou coletivos que distinguem funções, postos, comandos e, sobretudo ligações de poder com as instituições de mando de uma sociedade. No caso da nobreza brasileira do segundo reinado tais insígnias refletem a preocupação em valorizar a Nação bem como os dignatários ligados às instituições formavam o poder constituído. Assim além das condecorações, direitos de uso de brasões, estandartes, flâmulas e vestimentas especiais, existiram a praxe da distinção com armas brancas cerimoniais como espadins e espadas a fidalguia da corte brasileira.

O presente estudo pretende resgatar a história de um florete de distinção oferecido pelo Imperador Dom Pedro II, em 1874, à Loja Maçônica Lealdade e Brio quando de sua visita a cidade de Resende. Neste momento cabe esclarecer ao leitor a necessidade de apresentarmos um pouco da Resende dos idos de 1874. Segundo o Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial Laemmert o município tinha uma população de 25.000 habitantes divididos por suas freguesias de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre, São Jose do Campo Bello, Senhor Bom Jesus do Ribeirão de Sant`Anna, Santo Antonio da Vargem Grande e São Vicente Ferrer. O almanaque ainda nos dá algumas características das terras resendenses :

¹ Economista, Mestre em História Social, USS – Professor de História do Pensamento Econômico, História Econômica Geral, Formação Econômica do Brasil, Desenvolvimento Econômico e Economia da Educação. Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e da Computação Dom Bosco –Resende, RJ. 2008

“Sobre um terreno notavelmente accidentado, cujo solo em sua maxima parte se pode chamar argilo-ferruginoso, o município de Rezende produz o melhor café , excellente canna de assuçar, cereaes e legumes de toda espécie. Nas planuras do Itatiaya abundão as pastagens nativas, offerecendo assim recurso naturaes para a criação de toda espécie de gado; algumas fructas da Europa como maçã , o marmelo [...] .”²

É importante destacarmos também que em outro trecho do mesmo almanaque ele nos traz notícia do plantio de parreiras cuja produção de uvas era abundante, e que houve algumas tentativas de produção de vinho, que se assemelhava ao do Rheno só que muito mais aromático segundo os editores do almanaque.

Do núcleo urbano, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, esta era vista em destaque por suas três colinas, cada uma com o seu templo a Matriz, Rosário e Senhor dos Passos. À margem esquerda do Rio Paraíba do Sul e em frente ao núcleo urbano encontra-se o bairro de Campos Elíseos que se ligava à cidade por uma ponte de madeira, neste bairro estava também localizada a estação da linha de Ferro D. Pedro II que ligava o município à corte. Nesse período estimava-se que o número de habitantes da freguesia da “Cidade” era de 2.400 habitantes, que residiam numas 430 casas, construídas sem muita opulência. O interessante é que ao estudarmos estes relatos vimos que muitas casas eram remanescentes do período inicial da constituição da Vila de N. S. da Conceição do Campo Alegre, pois nos foi relatadas da seguinte forma pelo autor do almanaque “[...] bem pouco sólidas, pelo uso ainda em voga dos antigos e condemnados baldrames de madeira[...]”³. Os edifícios que mais se destacavam eram a Matriz de N. S. da Conceição , o edifício da Câmara e Cadeia e a Santa Casa da Misericórdia localizada no bairro do Lavapés, o mais antigo bairro da cidade.

No município, as organizações que mais se destacavam eram as ligadas à Igreja como as irmandades do Santíssimo Sacramento, Boa-Morte, São Miguel e Almas, Rosário , Senhor dos Passos e Nossa Senhora Aparecida do Pirapitinga (área rural). Havia ainda outras sociedades tais como a Sociedade Musical Dramática *Esmeralda* e a Musical Literária *Aurora*. Entretanto o que daremos foco para contarmos nossa história é um braço da Maçonaria em Resende representada pela *Augusta e Respeitável Loja Lealdade e Brio*, fundada 12 de dezembro de 1870. Formada por elementos da sociedade com fortes influências tanto na sociedade local bem com em termos da região e até mesmo da província do Rio de Janeiro. Sua administração eleita no ano 1873 era

² Almanak Laemmert, edição 1874, Município de Rezende, p.125.

³ Idem, Almanak Laemmert, edição 1874, Município de Rezende.

assim constituída: Venerável Dr. José Domingues dos Santos Junior, primeiro Vigilante Dr. João Leme da Silva, segundo Vigilante Antonio Fernandes Carneiro Braga, Orador Flausino José Corrêa e Secretário Alfredo Baptista da Silva. Há registros da existência de uma outra Loja Maçônica, que foi a pioneira em Resende, a “Ypiranga” fundada em 1832. Então o que é a instituição Maçonaria?

A Maçonaria é em termos gerais uma associação de pessoas que preservam entre si princípios de fraternidade e se reconhecem por sinais, toques e palavras. Além de ocultar os seus conhecimentos na interpretação dos símbolos e emblemas. Os Maçons reúnem-se em Lojas e cada Loja maçônica possui um "Líder", que é eleito entre os membros desta Loja, sendo este tratado por Venerável Mestre. A Maçonaria universal compreende basicamente os graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre.⁴

O que nos chamou a atenção para realizarmos tal estudo é entender o quão teve importância à sociedade maçônica em Resende para receber uma distinção do monarca que até o momento não tem notícia de outra organização que tenha recebido tal deferência com uma honraria, que pelo cerimonial e praxe da corte era somente concedida a indivíduos e não a uma instituição ou organização, pois sendo assim, os privilégios eram estendidos a todos que a pertencessem, no caso, a Lealdade e Brio. É inegável a importância política e cultural das Lojas Maçônicas no Brasil, pois se tornaram centros de importantes discussões políticas onde eram tratados assuntos que acabaram por influenciar na Independência, nas questões da política do Segundo Reinado, na Abolição, na Questão Religiosa, na Proclamação da República e em tantas outras situações da história pós-monárquica. Tal importância é verificada quando o historiador Maçônico Frederico Guilherme Costa, em sua dissertação de Mestrado⁵, versando sobre a emancipação lenta e gradual do escravo, inicia o capítulo II de sua obra narrando “O Pensamento Maçônico no Século XIX”, assim escrevendo:

“ Sérgio Buarque de Holanda⁶ reconhece a importância da Maçonaria na independência, destacando o papel que os Maçons puderam desempenhar no movimento de libertação e

⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maçonaria> 26-09-2007 12:59:39

⁵ COSTA, Frederico Guilherme. *A Maçonaria e a Emancipação do Escravo*. Londrina: Editora Maçônica A Trolha Ltda., 1999.

⁶ Nota do próprio autor, em sua obra, que consiste no seguinte: “Confira em Sérgio Buarque de Holanda ‘Da Maçonaria ao Positivismo’. In: *História Geral da Civilização Brasileira*, T. II, 5º volume. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. Igualmente deve ser considerado o ponto de vista de Cruz Costa na obra *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, especialmente o capítulo “Um Bando de Idéias Novas”, Rio de Janeiro: Civilização

afirma que a partir de 1852 esta importância estava em declínio, “ confundindo-se com ela (...) uma doutrina [positivista], também agnóstica e que na era do Progresso, visava nada menos do que a regeneração da Humanidade pela Ciência⁷”.

A falta de conhecimentos, o desinteresse, em torno da história da maçonaria torna-se intrigante ao atentarmos, para a gama de fatos históricos que estão ligados a Maçonaria, como instituição e dos seus elementos de forma individual. Levando em conta que ninguém que se dispunha a participar de alguma organização social, possa participar da sociedade a sua volta sem se quer deixar a marca da instituição a que pertence, a Maçonaria e seus membros é um exemplo típico dentro da história do Brasil. Desde o momento em que em 1814 foi fundada no Recife a Loja Maçônica Patriotismo por Domingos José Martins, que veio de Portugal com a missão de fundar lojas maçônicas no Maranhão, Ceará e Bahia.

Pelas tradições oriundas a Casa Real Portuguesa, esta era constituída por servidores, ou no linguajar da casa real, criados. Estas pessoas eram arregimentadas na nobreza, nos quadros militares e por elementos da sociedade que se destacavam por méritos praticados em prol da nação ou da própria casa real. Formava-se assim um quadro de servidores, ou melhor, de serviços categorizados em dois corpos de oficiais da corte: maiores e menores. Com o passar do tempo estes cargos se tornaram meramente de honra, havendo grupos efetivos e honoríficos, com mercês de ofícios, regalias, e foro especial. Além destas existiam outras funções de criadagem que não conferiam nenhum título de nobreza, mas que faziam parte da estrutura de funcionamento da Casa Real. Na Casa Real do Brasil existiam as seguintes funções: Camaristas (Gentis-homens), Veador⁸ da Casa, Veador da Imperatriz, Veador das Princesas, Estribeiro-mor⁹, Reposteiro-mor¹⁰, Capelão-mor e Esmoler-mor¹¹. Aqueles que faziam parte desta estrutura de poder faziam jus ao uso de vestimenta ou uniformes que os distinguiam e os diferenciavam daqueles que não

Brasileira, 1967. Ainda em Cruz Costa, veja Pequena História da República, 3ª edição, p. 25-26, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.”

⁷ Nota também do autor: “Idem, p. 289.”

⁸ Função que remonta as tradições medievais, indivíduo que caçava nos montes, monteiro. Responsável pelo provimento de caça a casa em que é vassalo ou servo.

⁹ Aquele que é responsável pelas cavaliças, provimento dos transportes aos dignitários da Casa Real, intendente-geral das cavaliças. Tais quais outras funções da estrutura da monarquia este cargo tem origem na Idade Média.

¹⁰ Serviço que cuida da entrada do átrio, anuncia nas audiências, elemento importante do cerimonial da Corte.

¹¹ Elemento incumbido de distribuir esmolas, fazer caridade em nome da Casa Real e de seu chefe (Rei ou Rainha). Era comum este cargo ser dado ao confessor da Casa Real, a um Bispo, Abade, Arcebispo.

orbitavam em torno do poder. Seus distintivos e suas espadas de honra de Corte ou espadim, eram elementos de suma importância para distingui-los dentre a fidalguia. Basicamente sabe-se que havia dois tipos de trajes ou uniformes: casaca ricamente bordada que se fazia acompanhar por um espadim com bainha de cor branca; e o segundo casaca ricamente trabalhada, também acompanhada de espadim com bainha preta.



Fig.1- Serviçal da Casa Real acompanhado de sua escrava, nota-se claramente na bagagem carregada pela escrava a Alabarda e a Espada de Corte de seu dono e senhor. Imagem produzida por Jean B. Debret aspectos da Corte.

O Fato: o Florete e o Imperador

Num dia de Outubro de 1874, quando as chuvas são quase como certas em Resende, veio a notícia de que havia chegado à estação da ferrovia S. M. Imperial Dom Pedro II e sua comitiva. Momento este que ficou conhecido muito mais pela situação em que se encontrou a Comitiva Imperial ao se encalhar num atoleiro que fez com as chuvas na então Rua do Presidente, hoje Av. Albino de Almeida¹². Estando em Resende a comitiva de Sua Majestade fez inúmeras visitas, ao que parece que foi a oportunidade de conhecer o pai da poetisa Narcisa Amália, Professor Jacome Campos, que por relevantes serviços prestados foi agraciado com a comenda da *Ordem de Cristo*. Em outra oportunidade, o Imperador, que era um admirador da poetisa, quis cumprimentar a jovem, que morava nos fundos de uma padaria de propriedade de seu marido¹³ na Rua da Misericórdia, localizada no Bairro Lavapés onde conforme o Almanak Laemmert de 1874 existia

¹² Revista Resende 200 anos, CAT Publicidade, 2001. p.28.

¹³ Francisco Cleto da Rocha, português de Braga, proprietário da *Padaria das Famílias*, desposou a poetisa aos 20 de Maio de 1880. Ramalho, Cristina.1999. p.29.

um dos mais notáveis edifícios públicos a Santa Casa de Misericórdia – “...vasto edifício, que apenas a terça parte acha-se em serviço.”¹⁴ E sabedor da importância política, econômica e cultural de Resende é que penso que D. Pedro II resolve conhecer a Loja Maçônica Lealdade e Brio que congregava os elementos de maior influência e expressão não só da sociedade local, bem como da região cafeeira do Vale do Médio Paraíba. Nesta época a já famosa *Lealdade e Brio*, localizada “ao Valle de Rezende” e pertencente ao *Oriente unido do Brazil*, tinha como dirigentes Dr. Jose Domingues do Santos Junior (Vereador), Venerável Mestre; Dr. João Leme da Silva, primeiro Vigilante; Antonio Fernandes Carneiro Braga, segundo Vigilante; Flausino Jose Corrêa, Orador; e Sr. Alfredo Baptista da Silva (Escrevente Juramentado), Secretário. Formada a Comissão de Recepção a S. M. Imperial, a Lealdade e Brio preparou seção solene e festiva para receber a mais alta autoridade que jamais fora visitar, autoridade que embora não pertencesse a ordem era “sobrinho ilustre” no jargão maçônico, filho do mais famoso Grão-Mestre Geral da Ordem, D. Pedro I. Neste clima de euforia, festivo e solene é que se dá a visita do Imperador Pedro II à Loja Maçônica Lealdade e Brio, fato ímpar não só no Vale do Paraíba como um todo e até mesmo na Corte, pois pelo que se sabe, embora vivesse ladeado por maçons das mais altas cepas como seus membros de governo nunca ele foi por vontade própria à sede da Maçonaria no Grande Oriente do Brasil localizado na Rua do Lavradio – o famoso “Palácio do Lavradio”. Entretanto, estando em Resende, manifestou a vontade de conhecer a Loja Maçônica e seus membros, por saber que tais componentes era a expressão do poder em toda a região do vale, pois as lojas maçônicas foram grande centro de discussões e de tomada de decisões, a respeito da vida política regional e nacional. Realizada todas as pompas maçônicas para uma ocasião como esta, certamente houve uma homenagem e boas vindas do Orador Ir. Flausino Corrêa, bem como palavras das demais autoridades maçônicas, é possível que tenham participado do evento irmãos de outras Lojas de cidades vizinhas. Assim, no decorrer da recepção, Sua Majestade Imperial resolve presentear a Loja com algo que marcasse sua presença, e que pudesse retribuir as honrarias feitas pelos membros daquela ordem. É aí que D. Pedro II pede a um dos membros de sua comitiva que trouxesse o primeiro dos presentes que resolve dar a Loja Lealdade e Brio e a seus membros; tratava-se de uma espada de honra de Corte ou espadim, na verdade é um florete, símbolo de distinção e honraria que procurava mostrar que aquele que portasse tal espadim fazia parte da fidalguia da Corte e tinha tramito livre dentro da burocracia do cerimonial da corte.

¹⁴ Almanak Laemmert, 1874. p.126.

O mais interessante nesta questão é que poucas instituições receberam tal distinção do Imperador, uma que me recordo é a Irmandade de N. S. do Pilar de Ouro Preto; pois lá vi o registro de visita do Imperador e o espadim que presenteou a Irmandade e seus membros, o importante é notar que não era usual dar tal honraria a instituições, pois tal distinção era voltada a pessoas físicas que as recebiam como marca do título recebido do monarca. O segundo presente vejo como um outro sinal de apreço com valor simbólico super interessante, ele presenteia a Loja com um sabre da sua Guarda de Honra, ou seja, de sua guarda pessoal. Fato que não me espanta pois D. Pedro II, como estudioso e historiador que era, sabia do valor de peças simbólicas dentro da estrutura da maçonaria e também sabia do impacto político que tal ato acarretaria em toda a região, ainda mais em Resende que era base de um forte grupamento da Guarda Nacional e que tinha grande influência política nas figuras de seu Comandante Superior Coronel Fabiano Pereira Barreto, do Barão de Bananal Tenente Coronel Luiz da Rocha Miranda, comandante do 11º Corpo de Cavalaria de Resende, e do Capitão da GN Domingos Gomes Jardim.



Fig.2 – imagem de punho de um florete semelhante ao presenteado por D.Pedro II a Loja Maçônica Lealdade de Brio de Resende, província do Rio de Janeiro em 1874.

Referência bibliográfica:

Almanaque Laemmert. 1845-1885

Arquivo Público de Resende, Fundação Casa de Cultura Macedo Miranda, acervo documentação da Câmara Municipal de Resende.

Bopp, Itamar. Casamentos na Matriz de Resende. Instituto Genealógico Brasileiro, 1971.

_____. Notas Genealógicas. São Paulo, Gráfica Sangirardi.S.N.ed .1987.

Costa, Frederico Guilherme. *A Maçonaria e a Emancipação do Escravo*. Londrina: Editora Maçônica A Trolha Ltda., 1999

Maia, João de Azevedo Carneiro. *do Descobrimento Do Campo Alegre À Criação Da Vila De Resende*. [S.Ed] , 1886.

_____. Notícias Históricas e Estatísticas do Município de Resende desde A sua Fundação . Rio de Janeiro, 1891 [Monografia] .

Ramalho,Christina. Um espelho para Narcisa: reflexos de uma voz romântica. – Rio de Janeiro : Elo,1999. 188p

Sodré, Alfredo. Resende, os cem anos da cidade.S[ed]

Whately,Maria Celina, O Café em Resende no Século XIX, Ed.José Olympio, Rj, 1987.

Whately,Maria Celina, Resende, A Cultura Pioneira do Café no Vale do Paraíba, Niterói-RJ :Ed Gráfica La Salle , 2003.

Zaluar, Emilio. Peregrinação pela Província de São Paulo,1860-61. São Paulo, 1953.

Revista Resende 200 anos, CAT Publicidade, 2001.